

Globethics Repository



As jovens do tráfico [Young trafficking]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fefferman, Marisa;Abramovay, Miriam
Publisher	Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-12 22:49:12
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/154373

As jovens do tráfico

Trajétórias interrompidas

Marisa Fefferman y
Miriam Abramovay

Resumen

Na produção acadêmica sobre tráfico de drogas, a questão de gênero é tida como secundária, considerando que a presença de mulheres é significativamente menor do que a dos homens. Neste artigo apresentar-se-á a partir de uma pesquisa etnográfica e de entrevistas em profundidade realizadas ao longo de dois anos, a trajetória de três jovens envolvidas no tráfico de drogas na favela/comunidade da região da Tijuca- RJ, que atuam como mulas, transportando drogas entre os morros. O principal objetivo foi possibilitar a reflexão entre violência e gênero. A pesquisa referida é parte da investigação “Adolescentes e jovens: o tráfico de drogas, em territórios com UPPs, tempos vividos, percepções e expectativas”. Verificou-se

Abstract

In the academic literature on drug trafficking, the gender issue is considered secondary, whereas the presence of women is significantly lower than that of men. In this article will be presented from an ethnographic research and in-depth interviews conducted over two years, the trajectory of three young people involved in drug trafficking in the favela / community of Tijuca RJ region, which act as mules transporting drugs between the hills. The main objective was to enable discussion between violence and gender. The research that is part of the investigation “Adolescents and young people: drug trafficking, in territories with UPPs, experienced times, perceptions and expectations.” It was found that

CvE

Año VII
Nº 13
Primer
Semestre
2015

que as trajetórias destas jovens foram interrompidas em vários momentos das suas vidas, algumas na infância, outras na adolescência, e juventude, permeadas por várias circunstâncias, familiar, escolar, relações afetivas entre outras. São jovens com baixa escolaridade, sem trabalho, que presenciaram e vivenciaram violências em suas famílias e com seus parceiros e que suas trajetórias tiveram como fio condutor a subordinação de gênero. São mães e como jovens vivem o que Breton denominou a “paixão contemporânea pelo risco”.

the trajectories of these young people were stopped at various times of their lives, some in childhood, others in adolescence and youth, permeated by various circumstances, family, school, personal relationships among others. These are young people with low education, no job, who witnessed and experienced violence in their families and with their partners and their paths had the thread tying gender. They are mothers and how young people live what Breton called the “contemporary passion for risk”.

Marisa Feffermann

Mestre e doutora Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano USP. Pesquisadora do Instituto de Saúde da SES/SP e FLACSO Brasil. cursando o Programa Postdoctoral de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (CLASCO). Membro do GT Infancia y Juventud: Políticas, Culturas e Instituciones Sociales da CLACSO. Autora do Livro: Vidas Arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico de drogas

Master and PhD School Psychology and Human Development USP . Researcher at the Health Institute of SES / SP and FLACSO Brazil . Attending the Postdoctoral Program Investigación en Ciencias Sociales , Niñez y Juventud (CLASCO) . Member of GT Infancia y Juventud : Politics , Culture and Instituciones Sociales of CLACSO . Book author : Risky Lives : the daily life of young workers in the drug trafficking

Miriam Abramovay

Socióloga, pesquisadora, Doutora em Educação pela Universidade de Lyon 2 – França. Coordenadora da área de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO-Brasil), Membro da Rede Ibero americana de Infância e Juventude da CLACSO, Coordenadora do “Programa de Prevenção à Violência nas Escolas” parceria da FLACSO/ MEC/OEI. Autora de vários livros sobre Juventude e Violência.

Sociologist, researcher , PhD in Education from the University of Lyon 2 - France . Youth Area Coordinator and the Latin American School of Public Policy of Social Sciences (FLACSO - Brazil) , Member of the Ibero American Children and Youth CLACSO , coordinator of the “ Program for Prevention of Violence in Schools “ Partnership FLACSO / MEC / OEI . Author of several books on Youth and Violence .

CyE

Año VII
Nº 13
Primer
Semestre
2015

MARISA FEFERMAN Y MIRIAM ABRAMOVAY

Palabras clave

1| Juventude 2| Drogas 3| Estado 4| Políticas Públicas 5| Brasil.

Keywords

1| Youth 2| Drugs 3| State 4| Public Policy 5| Brazil.

Cómo citar este artículo [Norma ISO 690]

FEFFERMAN, Marisa y ABRAMOVAY, Miriam As jovens do tráfico: trajetórias interrompidas. *Crítica y Emancipación*, (13): 203-222, primer semestre de 2015.

As jovens do tráfico

Trajetórias interrompidas

O que me marcou muito foi coisa que me marcou, e eu às vezes olho pra trás assim e eu fico pensando, gente eu já passei por tanta coisa e eu sou tão nova ainda, e eu já passei por muita coisa, coisas e tragédias. (JOVEM, sexo feminino 18 anos, ex- mula).

Nos últimos anos, há um aumento da incidência de mulheres no envolvimento de atos ilícitos e práticas violentas (Campos, A; Trindade, L.; Coelho, L., 2008), as mulheres constituem, cerca de 5,5% da população carcerária mundial (ICPS, 2013), e 6,4% da população carcerária no Brasil (Depen, 2013).

Na grande parte das produções acadêmicas sobre violência, a questão de gênero é invisibilizada, tendo em vista que os crimes cometidos pelas mulheres são em menor proporção que os dos homens. Historicamente, mulheres e homens não estiveram envolvidos da mesma forma na prática de ações ilícitas. A criminalidade sempre esteve fortemente integrada à masculinidade, associada a padrões históricos hegemônicos, como a violência, a virilidade e a transgressão. Cometendo atos ilícitos a mulher estaria assumindo um papel masculino e assim se “masculinizando” (Del Olmo, 1996, p: 8). Já a identidade feminina é saturada de estereótipos construídos culturalmente, os quais impelem a sociedade a esperar atitudes e determinados papéis pré-estabelecidos, como passividade, gentileza, fragilidade, docilidade, paciência, tolerância. (Voegeli, 2003; Silva; 2007; Badinter, 2005).

A criminalidade feminina foi sempre considerada como restrita ao espaço privado e parte dela permanecia oculta e invisível (Assis & Constantino, 2001; Soares E Ilgengritz, 2002; Almeida, 2001; Lemgruber, 1999). Alguns autores atribuem ao “processo de modernização” a transformação da criminalidade feminina, deste modo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e na luta pela cidadania, as práticas violentas cometidas no espaço privado, afazeres domésticos e cuidados com os filhos, passam para o espaço público adquirindo maior visibilidade. (Alcolumbre, 2009, Drapkin, 1978). Outros autores

como Almeida (2001) contrapõe esta perspectiva, analisando a violência feminina como um confronto a ordem patriarcal, uma maneira de evidenciar a insatisfação com a estrutura machista vigente.

Ao considerar as relações de poder como de dominação, das quais a de gênero é uma variável, abre-se a possibilidade de encontrar inteligibilidade na ação agressiva praticada pelas mulheres. Os impactos das construções culturais relacionadas ao feminino e ao masculino se tornam nítidas na análise das complexidades que envolvem o mundo do crime. É importante não naturalizar estas associações ou se restringir a uma única forma de masculinidade. Parte-se do pressuposto que masculinidades e feminilidades, “conformam identidades múltiplas situadas em interações sociais plurais, de modo que os sujeitos nelas engajados estão envolvidos em significados contextuais e imersos em processos de desconstrução e (re) construção” (Abramovay, 2009: 360). Desta forma, como aponta Barcinski (2009), os limites entre: “masculino/feminino, ativo/passivo, público/privado, se encontram, nos dias de hoje, muitas vezes borrados e contraditórios”.(p.)

É necessário reconhecer o vínculo da mulher com a violência como uma relação de gênero, na medida em que aquelas que cometem atos violentos rompem com o modelo cultural e social vigente. Essa realidade pode ser observada no número cada vez maior de mulheres recrutadas pelo crime. A criminalidade lhes oferece uma visibilidade que dificilmente obteria na vida comum. (GEBARA, 1991, BARCINSKI, 2012). Desta forma, ao transgredir a lei, pode irromper com as normas e ainda com a expectativa do seu desempenho cultural e social.

Mulheres e tráfico de drogas

Se por um lado os autores e os dados confirmam o grande número de mulheres presas por tráfico de drogas, por outro não há um quadro consensual de explicações para o seu maior ingresso nessa atividade. Os poucos estudos existentes estão inseridos aos da criminalidade masculina e tendem a enfatizar apenas uma faceta de análise, que na maioria das vezes atribui a presença de mulheres no tráfico pela vinculação a um parceiro traficante, sendo esse geralmente o líder da transação e elas, “mulas”¹, “burros de carga”, meios de transporte – aviãozinho - de mercadorias ilícitas, perpetuando a ideologização

1 O termo “mula” se refere ao indivíduo que, conscientemente ou não, transporta droga em seu corpo.

da passividade feminina (Costa, 2008 e Cunha 2001). Estas pesquisas atribuem que a participação das mulheres é socialmente objetivada como expressão de medo, falta de opção, opressão e submissão (Barcinski, 2009 e Faria, 2008).

Contudo, existem estudos que ampliam esta análise, apondo outros fatores que podem motivar a entrada no tráfico como, os condicionantes econômicos, precariedade de oportunidades no mercado de trabalho, de status, poder, reconhecimento e afetividade. (Moura, 2005; Barcinski, 2009; Angotti, 2012).

Há um consenso nas pesquisas, que a participação das mulheres no tráfico é subalterna, indicando vulnerabilidade social e também de gênero. Os lugares ocupados “se caracterizam pela inferioridade hierárquica, pelos baixos salários - menores que o dos homens - e por atividades consideradas ‘inerentes’ à aptidão feminina” (Moura, 2005: 57). Reproduz-se a lógica do mundo trabalho legal, da desvalorização e exploração do trabalho feminino.

A metodologia da pesquisa

A proposta deste trabalho é possibilitar, a partir das trajetórias de três jovens mulheres envolvidas no tráfico de drogas em uma favela/ comunidade da Tijuca, a reflexão sobre a relação entre violência e gênero. É parte da pesquisa “Adolescentes e jovens: o tráfico de drogas, em territórios com UPPs, tempos vividos, percepções e expectativas”, que teve como objetivo conhecer as trajetórias de jovens, seus grupos de pertença, as atividades no tráfico em comunidades/favela onde as (UPPs) Unidades de Polícia Pacificadora foram instaladas.

A pesquisa seguiu caminho qualitativo com perspectiva etnográfica e entrevistas em profundidade, realizadas ao longo de dois anos de trabalho de campo. As narrativas produzidas foram complementadas pela observação de campo, afim de permitir analisar o contexto e as interações. Deparou-se com grande dificuldade em encontrar jovens que tivessem alguma ligação com o tráfico e se dispusessem a dar as entrevistas. Os fatores que contribuíram com este obstáculo foram: a ilegalidade, provocando insegurança e temor; o pequeno número de mulheres envolvidas no tráfico e ainda o fato de não considerarem a atividade desenvolvida por elas, de cargueira/mula, como trabalho e sim de “ajuda”.

Apresentar-se-á a seguir as trajetórias de três jovens - L, C e N - percorrendo os fios que entrelaçam, produzindo nós que estruturam e os que desenlaçam constituindo rupturas e marcas que impedem o traçado destas vidas.

- N. negra, 22 anos é “cria” do morro, casada há dois anos e tem duas filhas. Não foi reconhecida pelo pai, testemunhou e sofreu várias violências por parte do padrasto. Teve o início da escolaridade tardia e logo abandonou a escola. As transgressões características da adolescência foram uma constante, como atos do roubo. A convivência com os familiares ligados ao crime a introduziu neste mundo. Nas atividades do tráfico trabalhou como mula/cargueira durante dois anos e “ajudou” os traficantes na venda de drogas.

Os impactos das construções culturais relacionadas ao feminino e ao masculino se tornam nítidas na análise das complexidades que envolvem o mundo do crime. É importante não naturalizar estas associações ou se restringir a uma única forma de masculinidade.

- L. negra, 18 anos, é “cria” do morro, Mora com a mãe e filha, mas a convivência maior é com a avó, conheceu o pai na adolescência. O tio, ligado ao tráfico, segundo as histórias que a avó conta, foi uma pessoa muito importante na sua vida. Na adolescência muito agitada, andava pelos morros, namorava bandidos e ainda roubava na comunidade. Sua participação no tráfico foi como mula/cargueira e na venda de drogas para “ajudar” os amigos.
- C. é negra, 24 anos, cria do morro, mora com a filha. Vivia com a família, estudava até começar a namorar um bandido, quando o pai a expulsou de casa. O pai era muito rigoroso e batia nela e nos irmãos. A mãe a apoiava em todos os momentos. Brigava muito na escola e foi expulsa depois de uma das brigas. Teve muitos namorados bandidos e sofreu muita violência. No tráfico foi mula/cargueira, “ajudou” na venda e como amante de um traficante guardou armas e drogas na sua casa.

As trajetórias destas jovens foram interrompidas em vários momentos das suas vidas, algumas na infância, na adolescência e outras na juventude, permeadas por várias circunstâncias: família, escola, relações afetivas, maternidade entre outras e nos remete a discussão sobre a relação gênero e violência. Relação construída ao longo do tempo de um determinado campo social, possibilitando a reprodução social, o que Bourdieu (1989) denominou de *habitus*.

Resultado: As trajetórias

A primeira marca de toda trajetória é a infância que tem geralmente a família como contexto. Para as entrevistadas, esse período da vida é uma lembrança remota que se confunde com a adolescência, acionada pelo discurso dos mais velhos. Entretanto uma delas lembra como um período de muitas brincadeiras e bagunças: “Brincava muito, corria pra lá e pra cá, pega-pega, pique-esconde, era coisa de criança de fazer bagunça.

A infância tem a violência como uma recorrência, seja física e/ou simbólica. O diálogo é substituído por atos violentos, tanto pela ausência que implicou em abandonos, quanto por surras e brigas familiares. Histórias de pais que não reconheceram e nem registraram as filhas e de padrastos violentos: “Eu já apanhei dele de vara de goiaba, de fio, apanhava muito disso”.

Resta a figura materna, com todas as contradições e complexidades. Mães ausentes e presentes. O abandono materno, não é total, em momentos cruciais, a mãe aparece como figura central, como no caso em que a jovem é expulsa de casa pelo pai: “Minha mãe é uma mãezona, sem ela não sou ninguém, nas piores situações estava comigo, até quando não podia me ajudar dava um jeito, quando o meu pai me expulsou, ficou do meu lado o tempo todo”. Desta forma, é a mãe com quem podem contar, quem em última instância as compreendem, talvez por terem vivido situações similares as das filhas, e é no momento que exercem o papel de mãe, que a identificação ocorre.

No entanto, ocorrem também relações problemáticas com a mãe: “Eu achava que a minha mãe não gostava de mim, porque eu era marca da família, por que os meus irmãos eram mais claros do que eu. Eu na minha cabeça, eu achei que eu era o patinho feio, só que era coisa tipo de criança”.

Mas é a mãe da mãe, a avó, que demonstra um amor incondicional e com quem puderam contar na infância: “Assim tudo o que eu sei foi a minha avó quem me ensinou, muita coisa também é lógico a minha mãe me ensinou, de 100% a minha avó me ensinou noventa e a minha mãe dez”.

E são as filhas, considerando que todas são mães, a maior preocupação dessas jovens. Nos relatos apontam o medo e angústia de exercer o papel de mula, quando já eram mães. “Esse era o meu medo de acontecer alguma coisa e a minha filha pequenininha”. Em outra situação, quando uma das entrevistadas é cobrada pelo tráfico, afirma: “Tive muito medo morrer, de acontecer alguma coisa com a minha filha, será que vou ter que ir embora do morro? Antes eu fazia, as coisas sem pensar no amanhã”. As filhas produzem um duplo efeito em suas vidas: são uma eterna preocupação e seu único legado. O lugar delas no mundo é ressignificado com a maternidade, com uma mudança de status e o respeito como mães, além de que seus filhos são o seu único bem social: “Da minha vida, só a minha filha valeu muito”.

Histórias de “famílias recompostas”, com configurações não tradicionais, vários casamentos, vários filhos e padrastos violentos. São de famílias de baixa escolaridade, que trabalham de forma precarizada, sem carteira assinada – serviços gerais, pedreiro, faxina e etc. - e alguns no tráfico de drogas. O uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas fazem parte do contexto familiar de algumas das entrevistadas: “Os meus pais usavam drogas, eu via isso desde pequena, foi muito má influência. Eu tenho até um irmão que é perdido no crack. Ele fez 18 anos, mas tu dá 12 anos, começou a usar com 11 e está usando até agora”.

A escola é a instituição que perpassa a trajetória destas jovens, que na infância foram vividas de maneira positiva e prazerosa, no entanto, na adolescência, a escola, que poderia ser um fator de proteção, um agente socializador no seu desenvolvimento, onde eles poderiam ter criado um sentimento de pertencimento e identificação, não se mostrou acolhedora: “Eu não gostava de estudar, não ficava na sala de aula, quando ia pra escola não entrava na sala”.

As escolas eram desorganizadas, sem estruturas e desinteressantes, que teve como consequência o “matar aula” e o abandono escolar: “Andava sempre em grupo de cinco ou seis meninas e nem chegavam a entrar na escola, matava aula, marcavam o horário do encontro na porta da escola e combinavam de dar um “rolê” na rua, na praia” e foram nestas saídas escolares, que muitas vezes iniciaram as transgressões: “Entrava na loja, comprava alguma coisa, pegava duas e botava na bolsa”.

A função principal da escola como local de aprendizagem, transmissão do patrimônio cultural e científico da humanidade (Delors, 2006), também não é cumprida: “Eu tenho certeza, que não foi na escola que eu aprendi, foi na vida mesmo. A mãe fala: ‘na vida, a gente se machuca, mas a gente aprende’ e é verdade”.

As brigas entre as meninas, dentro e fora da escola foram constantes, e a agressão física foi um instrumento de autoafirmação, a partir de um modelo que reforça o *ethos* masculino (Zaluar, 2002 ; Ceccheto, 2004) “ em que a exibição e a performance da violência são percebidas como forma de adquirir respeito e prestígio” (Abramovay, et.all 2009). Demonstrar a agressividade, embora tradicionalmente tenha sido uma atitude que contrariasse os ditames de gênero, passa a ser um aspecto identitário para estas jovens. Assim, relatavam que brigavam muito: “Tinha sempre uma patotinha de meninas maiores, querendo mandar na escola, eu não gostava de ser mandada, não levava desaforo e partia para dentro, aí era aquela briga”. Como pôde-se observar no campo, as brigas na adolescência podem ocorrer na perspectiva de busca de atenção e admiração entre os pares. As atitudes agressivas exibidas são geralmente direcionadas para outras meninas, destoando a ideia hegemônica que a desavença entre mulheres é motivada por disputa por namorados.

As brigas, agressões são formas de recusa ao protótipo do feminino. As pesquisas recentes têm demonstrado transformações na forma de algumas jovens viverem a sua feminilidade (Abramovay, 2010). Na maioria das vezes buscam desconstruir os estigmas convencionados pela sociedade e muitas delas utilizam da violência para romper estas amarras (Abramovay E Feffermann, 2014): “Eu sempre botei na minha cabeça que o feio não é você apanhar, é você correr, eu caía para dentro, pelo menos estava resolvido a gente brigou ali acabou, agora cada um pro seu canto”.

A questão de gênero e violência aparece de forma explícita nas relações afetivas dessas jovens, que não levam “desaforo” para casa, enfrentam grupos de meninas de favela rival, no entanto, quando estão envolvidas afetivamente podem mudar de papel de agentes para vítimas.

Nas três trajetórias, aparecem histórias de vários relacionamentos e na maioria das vezes com traficantes. O ganho financeiro, a arma como símbolo de poder, o exibicionismo são atrativos para uma jovem da favela/comunidade namorar um traficante: “Estando com ele, eu sei que vou ter, não teria roupa nova assim de marca, dinheiro assim para sair eu sempre tenho”.

Mas, o maltrato, as violências que sofrem são “subnotificados”, pois entram nas relações iludidas, se apaixonam e aceitam a situação: “No começo tudo são flores, mil maravilhas, tu não conhece a pessoa, depois que vai se envolvendo que você realmente conhece. Me batia, não era pouco não, era muito. Só que eu tava dentro, eu tinha começado a gostar dele”. O “amor romântico” (Badinter, 1986) É

uma construção social e histórica, uma representação que se constitui na base de uma relação de poder entre homens e mulheres, na qual as mulheres se inserem em condição de desvantagem, o que as leva a submeter-se a situações de violências em nome do ser amado.

Muitas vezes, as jovens por não corresponder a vontade dos parceiros são vítimas de extrema violência: “Puxava o meu cabelo, já me deu coronhada na cabeça, abriu a minha cabeça com a pistola, apanhei muito, muito dele. Chegou a me dar um chute aqui nos peitos eu fiquei com falta de ar na hora”.

É importante ressaltar que o tráfico é um território, em que a dominação masculina hegemônica se faz presente e a exclusão e subalternização das mulheres corroboram na manutenção desta violência. No tráfico, o homem tem poder sobre a mulher e a violência física é permitida, caso ele mantenha com ela uma relação afetiva. “Às vezes ele me batia na frente dos meninos do tráfico e eles não falavam nada, pois se eu ela era mulher dele, ele pode bater, ‘bato mesmo, é minha mulher, então vou bater”.

Aceitar as agressões do namorado e ser cúmplice pode ser analisado na perspectiva de Costa (2008), que aponta como as representações sociais sobre afetividade, culturalmente construídas, podem contribuir para o envolvimento das mulheres no tráfico de drogas. Para a autora a afetividade é um elemento “cultural formador de representações sociais e que, nessa qualidade, contribui para o estabelecimento de um culto feminino ao amor, de modo a impulsionar práticas sociais, inclusive ilícitas” (p. 03). Em um dos relatos, isto pode ser exemplificado pelo ato de guardar as armas e as drogas dentro de casa: “Dormia do lado de um fuzil desse tamanho, quando ele saía do plantão[...] aí dormia eu, ele e o fuzil do lado, carga, tudo, pistola, mochila”.

Esse é um exemplo do “amor bandido”, termo utilizado por Simmel (2005), Costa (2008) entre outros, que discutem a inserção das mulheres no tráfico de drogas a partir da vinculação com uma relação amorosa. Não podemos negar as influências afetivas para o ingresso e manutenção de mulheres no tráfico, todavia é necessário analisar a complexidade destas motivações. Vincular de forma imediata a inserção das jovens ao “amor bandido” é negar a elas a sua autonomia, seu agenciamento e a importância da questão socioeconômica na inserção delas no tráfico. Há no entanto outras motivações como a possibilidade de transgressão; a forma de convivência com seus pares e a possibilidade de adquirir bens de consumo.

Corroborando com a lógica da dominação masculina, faz parte desse mundo, o traficante ter mais que uma mulher. Muitas vezes, ocorrem situações inusitadas, em que as duas mulheres tem filhos

da mesma idade: “Eu não era a primeira esposa dele, ele tinha outra esposa, eu era como se fosse a amante. E eu engravidei, na mesma época que a esposa dele, tanto que a primeira esposa dele tem um filho da mesma idade da minha”.

Outra entrevistada relata que estava grávida de um rapaz que morava em um morro de uma facção rival, foi uma relação ocasional e a maternidade não foi planejada: “Eu não sabia que podia ficar grávida, tive um namorado durante quatro anos e nunca fiquei grávida, com o pai da minha filha, foi uma só vez que fiquei com ele [...] e já estou grávida”. Não fazia parte dos sonhos dessa jovem ser mãe, a sua sexualidade estava relacionada ao inusitado, ao prazer e a adrenalina. A juventude é o momento de experimentação da sexualidade que possibilita a estruturação de sua identidade, demarcando diferenças de gênero, que podem não só potencializar singularidade e criatividade, mas também reproduzir divisões sexuais conotação de assimetria e desigualdade. (Silva & Abramovay, 2009)

A trajetória no tráfico

Após poucas experiências de trabalhos temporários como entrega de panfletos, auxiliar de cabelereiros, ajuda em creche, foi no tráfico como transportadoras de drogas que passaram a ganhar dinheiro.

A função das três entrevistadas era de mula, como elas se autodenominavam. Essa atividade estava inserida na rede do tráfico, era normatizada por regras, implicava em riscos e remunerada, e deve ser considerada como trabalho (Feffermann, 2006).

O trabalho se constituía em transportar drogas de um morro para outro e o requisito era que não houvesse nenhum desfalque no produto transportado. Geralmente o transporte ocorria por meio de moto taxi, mas por vezes em ônibus. Não havia nenhuma formalidade, eram solicitadas, quando o traficante necessitava, tanto no caso de envio, quanto do recebimento da droga: “Ai eles [os traficantes] pediam pra me chamar: ‘O fulano de tal está te chamando pra fazer a missão pra ele’. ‘Tá bom, fala que eu já estou indo, só vou tomar um banho aqui, me ajeitar’”.

A rotina deveria ser seguida com todo o cuidado, porque qualquer equívoco poderia implicar na prisão de quem estava transportando. Não trabalham todos os dias, quando necessário eram chamadas e iam buscar com o moto-taxi:

No dia, que eu carregava a droga, me comunicava por telefone. Eu chegava lá pegava e vinha embora. Quando era morro

conhecido, tinha uns meninos que eu conhecia, parava bebia uma cervejinha, fumava um cigarrinho, fumava maconha, depois vinha embora. Quando era morro que eu não conhecia só ia lá fazia o trabalho e vinha embora. Isso demorava uma hora, uma hora e meia. (JOVEM, sexo feminino, 24 anos, ex- mula).

A motivação da entrada no tráfico está relacionada, a convivência com familiares traficantes, a sociabilidade, a relação de amizades, a questão afetiva e a necessidade econômica.

A convivência com familiares com traficantes propicia um trânsito pelo “movimento”³ desde a infância: “Meu pai e meu avô eram

Os afetos e desejos são permeados pelas relações de poder do tráfico e pela sua especificidade no Rio de Janeiro. A rivalidade entre as Facções existentes nas favelas, promove violência, decorrente da disputa de território.

bandidos, não sei se era por causa de convivência com eles porque eles eram um sucesso. Eles tinham muito dinheiro e eu gosto de dinheiro e ali é dinheiro fácil”. O lugar onde viviam os amigos, as festas, o baile, a escola, o convívio na favela/comunidade são outras motivações que aproximaram as jovens do tráfico de drogas: “Todos os meus amigos, criados comigo estavam ‘no movimento’”. Abramovay et al. (2010) resalta que os jovens se encontram em uma etapa de construção de sua identidade, buscam sua autonomia, são gregários, procuram galeras, turmas gangues e mesmo a incorporação no tráfico de drogas para estar com ‘os seus’.

A ‘juventude’, por suas características, sua perplexidade e ambivalência, que alterna dúvida e construção de certezas, manifesta descontentamento ou reações por formação de culturas juvenis, e assim surge como categoria propícia para simbolizar os dilemas contemporâneos. Nos jovens, o desejo de experimentar o novo está acompanhado por incertezas, pela avidez de conhecimentos, pelo espanto e indefinições cotidianas de uma realidade que, simultaneamente, atrai e atemoriza. (Feffermann, 2006)

A infância e a adolescência vividas no morro propiciaram o envolvimento no tráfico em um primeiro momento a partir de favores: “‘Pode fazer um favor pra mim, vou te dar tanto’. Aí eu ia lá e fazia, já era um dinheirinho pra mim”. A relação de amizade possibilitou então que as jovens contribuísse para o tráfico: “Então eu ficava com eles[...] Eu gosto de morar aqui por causa das amizades, aqui é como se todo mundo fosse família, se alguém precisar a gente ajuda, é a união por todo mundo morar no mesmo local. Se chegasse alguém eu vendia”.

Se no discurso aparece a questão dos favores, como um elemento definidor para o envolvimento com o tráfico, na prática é uma forma de ganhar dinheiro com um trabalho remunerado. Pode-se afirmar que a necessidade financeira é outro fator que motivou a entrada: “Eu tinha que arrumar dinheiro, então fui buscar drogas em outra comunidade e ele me pagavam R\$400,00. Este trabalho é de onde vinha o meu dinheiro, eu escutava os meninos falarem que estavam precisando de alguém para transportar as drogas”.

Segundo Torres e Angarita (2007), as mulheres que atuam no tráfico como mulas tem uma grande vulnerabilidade econômica, considerando que é uma população muito jovem, solteira e/ou que não conta com o apoio dos seus companheiros. No estudo foi verificado que o pagamento era realizado segundo a quantidade de droga transportada: “Eu ganhava \$200,00, \$250,00 depende da quantidade que eu ia buscar, se fosse muita quantidade era \$300,00, \$350,00 se era pouco era \$150,00.

O confronto com a polícia faz parte dos riscos do trabalho e produz muita adrenalina: “O motoqueiro sabia, mas ficava normal, deixava os policial fazer o trabalho deles, depois [o policial] liberava a gente. Aconteceu várias vezes, das outras vezes a gente passava assim por eles com o coração na mão, mas não parava”.

Os riscos fazem parte do cotidiano destas jovens, relatam que agiam de forma inconsequente e sem limites. Em suas trajetórias, a transgressão as regras estabelecidas eram corriqueiras: roubavam, namoravam bandidos, saíam de madrugada. Contam suas histórias, ressaltando com entusiasmo situações em que ao transgredir saem do lugar comum o que é uma forma de autoafirmação: “Muita coisa eu já vivi, muita coisa mesmo, já fiquei vários dias fora de casa assim”.

Uma das estratégias para enfrentar o risco da atividade de mula foi explorar a aparência feminina, o que facilitava o transporte e a passagem por algumas blitz. A estratégia para realizar o trabalho era estar bem arrumada: “A gente passava, (...) se produzia, se maquiava, botava calça, tênis e ia, como se fosse sair mesmo, se arrumava e passava batido pelos policiais”.

Nas trajetórias estudadas, a atividade de cargueira/mula não é vivida como pertencimento ao tráfico. Quando indagamos a L. se conhecia alguma traficante mulher na favela/comunidade, a resposta foi negativa, pois as mulheres que ela conhece são cargueiras/mulas e para elas transportar drogas tem a função de ajudar os traficantes. “[Meninas] que transportam drogas, eu conheço diversas, mas estas não são traficantes é só para ajudar”. Outra entrevistada afirma conhecer uma traficante antiga no morro, “Uma bandidona, sapatona, igual aos homens, não gostava de fofocas e raspava cabeça das mulheres como punição, quando brigavam na rua, traíam os namorados e etc.: muitas mulheres ai no morro ficaram careca”.

Nas entrevistas, em vários momentos, constatou-se o quanto são vaidosas, investem na sua aparência e quando relatam a punição com corte de cabelo, afirmam que este é o castigo que mais temem, o cabelo é o “cartão de visita”.

Nos relatos de cenas do cotidiano, verificou-se a subalternidade de gênero existente, explícita, quando são excluídas da apresentação de um novo visitante “uma pessoa de fora”. Nesta situação todos os homens são cumprimentados com um aperto de mão, como selo de um vínculo/ respeito/consideração e as mulheres não, demonstrando que não fazem parte do grupo. Só são inseridas, quando há necessidade de guardar algum tipo de material: “Todo mundo que chega de fora, ele não vai apertar a nossa mão, vai apertar a mão só dos homens, não tem costume de apertar a mão das mulheres [...] mas, sabe que confia se der alguma coisa para guardar.

A inserção dessas jovens no tráfico, por meio da atividade de mula, leva em conta a construção social de sua identidade, pois é vinculada aos atributos:

[..]“Vulnerabilidade”, determinados pelo seu gênero, classe, idade,[...], não só são necessários como fundamentais para que exerçam esta função. Isto significa que a mulher pelo fato de ser mulher (ou pela construção de gênero socialmente atribuído a ela) se encaixa no papel de mula, pois possui as características que possibilitam o exercício deste papel. (Torres Angarita, 2007: 9)

A implantação da UPP foi um marco na trajetória dessas jovens no que se refere ao seu trabalho no tráfico. O principal objetivo da UPP era a diminuição das atividades do tráfico de drogas e o desarmamento nas favelas/ Comunidade. Nos primeiros meses, ocorreu um recuo dos traficantes e assim uma invisibilidade das suas ações, com implicações diretas no comércio, no lucro e nas atividades dos traficantes. Algumas das jovens entrevistadas pararam de transportar as drogas e

começaram a “ajudar” os traficantes em suas atividades de venda, no entanto outras continuaram no transporte.

O fato de não serem fichadas⁴ pela polícia possibilitou um maior trânsito na favela/comunidade. A função atribuída a elas era de ponte entre o traficante e os “viciados”, que eram moradores da favela/comunidade ou compradores de fora:

Quando a UPP entrou, eles pegavam uma carga e eu ficava com a minha aqui, aí vendia “sapatinho”⁵, não tinha como eles vender aí eu ia lá e vendia pra eles rapidinho e eles iam embora. (JOVEM, sexo feminino, 22 anos, ex- mula).

Mas quando vinha gente de fora ele falava aquele de blusa verde eu ia lá e entregava. Ele sempre ficava assim parada, esperando, então eu via que era aquele e entregava. (JOVEM, sexo feminino, 24 anos, ex- mula).

Outras jovens iniciaram o transporte a partir da implantação da UPP: “Mas nunca me envolvi nisso, depois que entrou a UPP aqui no Morro eles precisavam, e eu queria tipo assim, de uma forma de ajudar”.

Os afetos e desejos são permeados pelas relações de poder do tráfico e pela sua especificidade no Rio de Janeiro. A rivalidade entre as Facções⁶ existentes nas favelas, promove violência, decorrente da disputa de território. Antes da UPP, a guerra na região pesquisada ocorria entre o Comando Vermelho⁷ e Terceiro Comando⁸, depois da implantação a lógica do inimigo, do “alemão”⁹ prevalece. Assim, um morador mesmo que não pertença ao tráfico, quando mantém relação com alguém de uma favela rival é considerado uma afronta a toda comunidade, motivo de cobrança e mesmo de humilhação por parte do tráfico. É o máximo do “desrespeito”, preterir um traficante ou morador do morro para ficar com um homem de outra facção: “Aqui no morro, muita gente me criticou por eu ter tido uma pessoa de outra facção. Eu já apanhei na boca¹⁰ de fumo por causa disso”.

Algumas destas jovens, hoje não trabalham mais no tráfico, e apontaram que o que as motivações para sua saída foram: a idade,

4 Ter passagem pela polícia

5 Forma silenciosa, despercebida.

6 Organização criminosa

7 A mais antiga organização do tráfico existente

8 Facção criminosa, que surgiu para se opor ao Comando Vermelho.

9 Alemão é uma gíria que denomina o inimigo.

10 Local onde se vende droga

a maternidade e a presença dos policiais da UPP: “Hoje eu não faço mais isso, eu já sou de maior, tenho minhas filhas, acho que hoje em dia é muito risco. O meu medo sempre foi de ser presa”.

O futuro, os sonhos, as perspectivas de vida, ficam esvaecidas. As trajetórias intercortadas, impediram que muitos sonhos se realizassem ou mesmo que fossem sonhados. Não vislumbram um horizonte para si. No passado, não tinham limites, nem barreiras para ir atrás dos seus desejos, independente quais fossem, hoje o horizonte se restringe ao viável e necessário, para responder a uma realidade concreta: “Hoje em dia não tenho mais sonho, tanta coisa que já passei na minha vida, deixa a minha vida assim como que está, acho que vai ser assim mesmo de hoje em diante”.

A maioria dos sonhos estão relacionados com o futuro dos filhos e um trabalho para garantia da educação dos mesmos: “Não quero que ela fica igual eu, parar de estudar cedo, quero dar pra ela o que eu não tive.

A defasagem entre educação e expectativas de realização se relaciona com a inserção no mercado de trabalho, já que uma das principais dificuldades que enfrentam é a falta de formação às demandas existentes e de experiência. A elevada seletividade do mercado, que se acentua em período de reestruturação da economia, dá mais oportunidade àqueles que dispõem de altos níveis educacionais: “Porque a gente vai dar entrevista, a mulher fala: ‘espera em casa a gente vai ligar’. A gente fica esperando, eu prefiro ficar indo atrás espalhando o currículo. O pessoal não dá emprego também devido aos meus estudos”.

No momento em que refletem sobre suas vidas emergem sentimento de culpa e de arrependimento: “Eu gostaria de ter feito muita coisa, eu não me arrependo do que eu não fiz e tem coisa que eu fiz que eu me arrependo”.

As jovens se culpabilizam por questões que transcendem ao seu desejo ou mesmo as atitudes tomadas. E mais uma vez, sofrem a violência, de relações, preconceitos, desigualdades historicamente construídas e legitimadas ideologicamente pela sociedade. Uma violência que se baseia na fabricação de crenças no processo de socialização e que dá inteligibilidade para o mundo, o que Bourdieu (1989) denomina de violência simbólica, quando os símbolos, se afirmam como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida. O poder simbólico é um poder de construção da realidade, é o poder criar significações e impô-las como legítimas. (Abramovay, 2009). Estas jovens ao se culpabilizarem pelos obstáculos de suas vidas, reproduzem a dominação, de aderir as normas, regras e hierarquias sociais sem contestá-las. Aceitam a sua

história, a desigualdade social, a pobreza, a falta de oportunidades como naturais.

Considerações finais

As relações de gênero assumem contornos específicos, no estudo sobre as trajetórias de jovens mulheres no tráfico de drogas. As entrevistadas participaram do tráfico em postos secundários/subalternos, com a função de mula, utilizando estratégias da sua condição de mulher e jovem.

A partir das transformações ocorridas no tráfico, após a implantação da UPP, as jovens ampliaram a sua participação, passando a exercer o papel de aviãozinho e de vendedoras de drogas, que segundo elas, tinha o objetivo de “ajudar” os amigos traficantes. Nesta perspectiva, não se consideravam traficantes, quando exerciam estas funções e sim ajudantes e prestadoras de favores, no entanto, possuem uma função na rede do tráfico, como trabalhadoras, respondiam a determinadas regras, corriam riscos e eram renumeradas, apesar de não se reconhecerem e nem serem reconhecidas pelos traficantes como integrantes do “movimento”.

Desta forma, a vida as suas jovens destoam das mulheres estudadas por Barcinski (2012), que depositam na “trajetória criminosa” o centro do processo de construção de suas identidades e se diferenciam das outras mulheres exercendo um poder que culturalmente é masculino. As entrevistadas não tem, no seu trabalho no tráfico, a centralidade da sua trajetória e permanecem em um lugar de subalternidade intrínseco ao seu papel de gênero.

O retrato de suas vidas, apresenta um misto de aventuras, busca de identidade como mulher - filha, companheira e mãe-, como trabalhadora do tráfico. Suas histórias são permeadas de violências, - algumas vezes como vítimas e outras como autoras -, mas sempre atreladas à dependência do masculino.

A trajetória familiar é marcada por “famílias recompostas”, em que a figura feminina é uma referência, tanto a mãe quanto a avó, que oferecem exemplos positivos e negativos, a partir de suas experiências de vida. Constata-se uma reprodução de violências e abandono, no papel de filhas e mulheres e o homem é, muitas vezes, ausente ou representante de atos violentos.

Na narrativa, a escola é mais prazerosa na infância, no entanto na adolescência torna-se um lugar desagradável e sem sentido. As brigas entre meninas são recorrentes como forma de prestígio e reconhecimento no enfrentamento de grupos rivais. No entanto, na sua trajetória afetiva, são subalternas e vítimas. A despeito da pouca idade,

tiveram vários relacionamentos, na maioria das vezes com traficantes, permeados de violência.

Ao realizarem um balanço de suas vidas, apontam as consequências de suas trajetórias interrompidas, por vários percalços como situações de afetos e desafetos, condições concretas de violência, reprodução da pobreza, dificuldades escolares, problemas no mercado de trabalho, rupturas com a família, envolvimento no tráfico que desviaram suas rotas e produziram efeitos nas suas trajetórias. Sendo jovens vivem o que Breton denominou a “paixão contemporânea pelo risco”. Trajetórias que tiveram como fio condutor a subordinação de gênero.

Bibliografia

- Abramovay, Miriam et al. 2010 *Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos* (Brasília: Kaco Ed.; PPCAM; CUFA/DF; SDH/PR).
- Abramovay, Miriam & Cunha, Ana Lucia 2009 “Masculinidades, Feminilidades e Violência no Cotidiano das Escolas” en *Revista Educação e Cidadania*. Vol. 10, Nº 10 Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/educacaocidadania/article/viewFile/139/59>
- Abramovay, Miriam y Feffermann, Marisa 2014” Novas feminilidades e gangues em Brasília” en Livro *Violências e Delinquências Juvenis Femininas. Gênero e (In)visibilidades* (Braga: Edições Húmus).
- Almeida, Rosemary de Oliveira 2001 *Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino* (Rio de Janeiro: Fiocruz; Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ).
- Alcolumbre, Shelley Macias Primo s/d “IBCrim. A Evolução da Posição da Mulher na Sociedade e o Aumento da Criminalidade Feminina”. Disponível em : <http://www.ibrecrim.com.br/crime_06.htm>. Acesso em :18 Janeiro de 2009.
- Angotti, Bruna 2011 *Entre as leis da Ciência, do Estado e de Deus. O surgimento dos presídios femininos no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. USP.
- Assis, Simone Gonçalves y Constantino, Patricia 2011 *Filhas do Mundo: Infração Juvenil no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: Fiocruz).
- Badinter, Elizabeth 2005 *Rumo Equivocado: o feminismo e alguns destinos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira).
- Bourdieu, Pierre 1989 *O poder simbólico* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil).
- Campos, Alzira Lobo de Arruda; Trindade, Liana Sálvia.; Coelho, Lucia Maria Sálvia 2008 *Mulheres criminosas na abordagem interdisciplinar*. Pesquisa em debate, edição 9, V. 5 nº 2, Jul/Dez.
- Cecchetto, Fátima 2004 *Violência e estilos de masculinidade*. FGV Editora.
- Costa, Elaine Cristina Pimentel 2008 *Amor bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher ao tráfico de drogas* (Maceió: Edufal).
- Departamento Penitenciário Nacional. Ministério da Justiça (DEPEN) 2013 “Projeto Mulheres: Mulheres presas, dados gerais”. Disponível

em: <http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BD574E9CE3C7D437AA5B622166AD2E896%7D&Te am= ms=itemID=%7BC37B2AE94C6840068B1624D28407509C%7D;&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE13-A26F70F4CB26%7D>

- Drapkin, Israel 2004 *Manual de Criminologia e Vitimologia*. Trad. KOSOVSKI, Ester. Vitimologia – Enfoque Interdisciplinar: Reproarte, 1994.
- Delors, Jacques et al. 2006 *Educação: um tesouro a descobrir* (São Paulo: Cortez/ UNESCO/MEC).
- Del Olmo, Rosa 1998 “Reclusión de mujeres por delitos de drogas. Reflexiones iniciales” en *Revista Española de drogodependencias* 23.1. 5-24.
- Faria, Tais Dumê 2008 “Mulheres no Tráfico de Pessoas: vítimas e agressoras” en *Cadernos Pagu*, Campinas, V. 31, Jul/Dez, p.151-172.
- Feffemann, M. 2006 *Vidas arriscadas: um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas* (São Paulo: Vozes).
- Gebara, I. 1991 *Conhece-te a ti mesma* (São Paulo: Edições Paulinas).
- International Centre for Prison Studies (ICPS) 2013 “World Female Imprisonment List”. 2nd Edition. Disponível em: <http://www.prisonstudies.org/about-wpb>
- Lemgruber, Julita 1999 *Cemitério de vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres*. 2. ed. rev. atual. (Rio de Janeiro: Forense)
- Le Breton, David 1991 *Passions du risque* (Paris: Métailillé).
- Moura, Maria Jurema 2005 *Porta fechada, vida dilacerada – mulher, tráfico de drogas e prisão: estudo realizado no presídio feminino do Ceará*. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade. Universidade Estadual do Ceara, Fortaleza.
- Silva, Joseli Maria 2007 “Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino” en *Espaço e Cultura* (Rio de Janeiro) UERJ, N°22, p.97-109, Jan/Dez
- Silva, Lorena e Abramovay, Miriam 2009 “Construções sobre Sexualidade na Juventud” em Abramovay, Miriam; Andrade, Eliane; Estevez, Luiz Carlos (organizadores). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade* (Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco).
- Soares, B. M.; ilgenfritz, I. 2002 *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. (Rio de Janeiro: Garamond).
- Torres Angarita, Andreina Isabel 2007 *Drogas y criminalidad femenina em Ecuador. El amor en la experiencia de las mulas* (Quito: FLACSO).
- Voegeli, Carla Maria y Petersen Herrlein 2008 *Criminalidade & violência no mundo feminino* (Curitiba: Juruá).
- Zaluar, Alba 2002 *A Máquina e a Revolta* (São Paulo. Editora Brasiliense).